

Entre a tradição e a autodenominação: algumas notas metodológicas sobre pesquisas com religião

Amurabi Oliveira¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i31.40582>

Resumo: A pesquisa com religião defronta-se continuamente com inúmeros desafios metodológicos, havendo diversas possibilidades postas para o pesquisador analisar este fenômeno. Partindo debate acerca da relação entre Umbanda Esotérica e Nova Era, almejo neste artigo problematizar as possibilidades metodológicas postas para pensarmos o fenômeno religioso, confrontando uma perspectiva que privilegia a autodenominação dos sujeitos de pesquisa com outra que evidencia a maior ou menor proximidade das práticas com determinada tradição. Apesar de o foco deste artigo recair na relação entre Umbanda Esotérica e Nova Era, creio que ele nos possibilita pensarmos outras questões no campo de pesquisa sobre religiões, especialmente sobre novos movimentos religiosos.

Palavras chaves: Nova Era; Umbanda Esotérica; Pesquisa com Religiões; Campo Religioso.

Between the tradition and the self-denomination: some methodological notes on research with religion

Abstract: Religion research is continually confronted with numerous methodological challenges, and there are several possibilities for the researcher to analyze this phenomenon. In discussing the relationship between Esoteric Umbanda and New Age, I aim to problematize the methodological possibilities put forward to think about the religious phenomenon, confronting a perspective that favors the self-denomination of the research subjects with another that focus the greater or lesser proximity of some practices with certain tradition. Although the focus of this article falls on the relationship between Esoteric Umbanda and New Age, I believe it allows us to think about other issues in the field of research on religions, especially on new religious movements.

Keywords: **New Age:** Esoteric Umbanda; Research with Religions; Religious Field.

Entre la tradición y la autodenominación: algunas notas metodológicas sobre investigaciones con religión

Resumen: La investigación con religión se enfrenta continuamente con innumerables desafíos metodológicos, habiendo varias posibilidades puestas para el investigador

¹ Doutor em Sociologia (UFPE), Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do CNPq. Email: amurabi1986@gmail.com

analisar este fenómeno. A partir de un debate acerca de la relación entre Umbanda Esotérica y Nueva Era, anhela en este artículo problematizar las posibilidades metodológicas puestas para pensar el fenómeno religioso, confrontando una perspectiva que privilegia la autodenominación de los sujetos de investigación con otra que evidencia la mayor o menor proximidad de las prácticas con determinada tradición. A pesar de que el foco de este artículo recae en la relación entre Umbanda Esotérica y Nueva Era, creo que nos permite pensar otras cuestiones en el campo de investigación sobre religiones, especialmente sobre nuevos movimientos religiosos.

Palabras claves: Nueva Era; Umbanda Esotérica; Investigación con Religiones; Campo Religioso.

Recebido em 25/10/2017 - Aprovado em 25/12/2017

Introdução

O campo acadêmico tem como uma de suas marcas o dissenso de ideias, bem como o debate decorrente disso, neste contexto, compreendo que nas ciências humanas isso toma contornos ainda mais dramáticos. Se no clássico trabalho de Thomas Kuhn *A Estrutura das Revoluções Científicas* (2011 [1962]) é indicado que o período normal da ciência é quando as várias disputas dão espaço ao consenso, passando a haver um único paradigma que norteia a produção do conhecimento, me parece que em ciências humanas esse processo é, justamente, o inverso, sendo o dissenso que caracteriza o período de “ciência normal”, e a exceção o consenso.

Parto, assim, do a priori que as discordâncias são elementos constitutivos do campo científico, mais que isso, que são basilares nos processos de disputa no campo (BOURDIEU, 2004). Penso que no caso dos estudos que envolvem as religiões afro-brasileiras isso fica evidente desde a gênese de sua formação (SANSONE, 2002; MOTTA, 2016), e notadamente qualquer pesquisador que adentre neste terreno sabe das possibilidades objetivas que há de ter seu trabalho questionado, seja pela comunidade acadêmica, seja pelos sujeitos de pesquisa, que recorrentemente acessam os resultados publicizados por meio de eventos e publicações científicas, o que se intensifica ainda mais com a crescente presença de pesquisadores que também pertencem ao movimento negro, às religiões afro-brasileiras etc., o que tem enriquecido o debate.

O mote principal da escrita do presente artigo foi a leitura do trabalho “Umbanda Esotérica não é Esoterismo na Umbanda” (2017) de autoria de João Luiz Carneiro e Érica Jorge Carneiro, publicado recentemente na Revista Brasileira de História das Religiões, que de forma muito salutar tece críticas ao meu trabalho, bem como a de outros pesquisadores que se voltam para a análise da “Umbanda Esotérica”. Os autores enfatizam que haveria determinadas leituras (dentre as quais a minha), que teriam

produzido equívocos ao relacionar a Umbanda Esotérica à Nova Era, ao menos, a partir de certa forma de pensar a relação entre esses dois fenômenos.

Para além de buscar responder às críticas recebidas, minha intenção recai na tentativa de desenvolver uma reflexão sobre alguns fundamentos metodológicos na pesquisa com religiões, considerando principalmente o meu lugar de fala em termos de ciência: a partir das ciências sociais (antropologia e sociologia). Para tanto, o texto terá mais três partes: a) uma breve contextualização das críticas recebidas e alguma tentativa de resposta; b) uma reflexão sobre fazer pesquisa com religiões em ciências sociais, indicando algumas divergências; c) considerações finais.

Ponto prontamente que meu campo de pesquisa principal em termos de formação como pesquisador se deu a partir do Vale do Amanhecer no estado de Pernambuco, no qual há claramente um trânsito entre Umbanda e Nova Era no processo de constituição daquele universo religioso (OLIVEIRA, 2015). Em período mais recente integrei a equipe que participou do mapeamento das casas de matriz africana em Florianópolis, no qual surgiram inúmeras casas que se autodenominaram como Umbanda Esotérica, ou mesmo, Umbanda Nova Era (LEITE, 2017). Sendo assim, parto principalmente de minha experiência de campo em algumas casas de Umbanda localizadas na cidade de Florianópolis, em alguns casos ainda que não se denominem de Umbanda Esotérica encontrei recorrentemente a incorporação de elementos Nova Era em alguns centros, com a presença do reike, apometria, fadas etc.²

O complexo caso da Umbanda Esotérica

Como o próprio termo anuncia, a Umbanda Esotérica constitui um caso profundamente ambivalente na literatura acerca das religiões afro-brasileiras, por se situar num franco diálogo com outras tradições religiosas que não se fazem tão presentes e recorrentes nas demais denominações de matriz africana, ou ao menos não ganham o mesmo destaque. Todavia, isso não se trata de um fenômeno novo, uma vez que a própria formação da Umbanda marca-se, justamente, pelo processo de incorporação de elementos oriundos de figuras sociais e culturais distintas. Para Negrão (1996, p. 170)

A identidade da Umbanda não se afirma, pois, de forma unívoca, mas duplamente dividida: de um lado, entre as necessidades de sua afirmação enquanto culto específico e as pressões homogeneizadoras das demandas por

² Devido ao foco e escopo desse trabalho não utilizarei falas diretas dos sujeitos de pesquisa, quando me refiro a autodenominação refiro-me principalmente à autodenominação que as casas se utilizaram recursivamente durante o mapeamento realizado em Florianópolis.

legitimação; de outro, entre os apelos diferenciadores do cultivo às raízes e a adesão integradora à ideologia nacionalista. Não se trata de uma identidade definida, mas em processo de construção, em que elementos culturais de diversas origens sincretizam-se e, em função das necessidades do momento, derivadas das trocas com a sociedade global, prevalecem ou são deixados na obscuridade

Acredito que esse entendimento, do qual compartilho, é relevante para compreendermos as dificuldades que os pesquisadores encontram nas pesquisas com a Umbanda em geral, e com a Umbanda esotérica em particular. Há diversas possibilidades de se tentar captar a dinâmica da identidade na Umbanda, sendo uma delas o resgate de sua história e de seus preceitos ritualísticos, porém, deve-se estar atento ao fato de que, em ambos os casos, estamos lidando com questões dinâmicas, que são continuamente reelaboradas pelos sujeitos de pesquisa.

Carneiro e Carneiro (2017, p. 114) são enfáticos ao localizar na Umbanda Esotérica “(...) seu fundador W. W. da Matta e Silva, bem como F. Rivas Neto que atualmente detém a raiz dessa tradição, sendo seu sucessor direto.” Como é bem sabido, a questão da tradição certamente é um dos pontos centrais nas religiões afro-brasileiras, ao mesmo tempo que é um dos espaços de intensas disputas, pois as tradições, ao menos como compreendidas no campo das ciências humanas, podem ler ser lidas como “invenções” (HOBSBAW, RANGER, 1984), e como tais, são passíveis de contínuos rearranjos, e de disputadas em sua delimitação.

Longe de questionar as fontes dos autores acima citados, procuro problematizar a possibilidade de delimitação da gênese de uma dada religião, uma vez que a reivindicação de fundador de uma tradição é um processo que sempre envolve disputas e está sempre passível de contestação, ademais, isso dependerá ainda da própria delimitação que se faz a posteriori da tradição em disputa. O movimento que quero realizar com isso remete, portanto, à dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de delimitar um movimento religioso apenas a partir de um marco considerado fundador, assumindo na pesquisa que determinado grupo detém a tradição, assumindo aqui quase um status de verdade, e os demais seriam compreendidos como um “desvio”. Notadamente isso não é o mesmo de afirmar que não seja legítimo que os sujeitos de pesquisa reivindiquem este status, porém, isso deve ser interpretado dentro de um cenário mais amplo de disputas e de dinâmica cultural.

Carneiro e Carneiro (2017) também se preocupam em apartar de forma enfática a Umbanda Esotérica da Nova Era (NE), o que é realizado tendo por base a leitura que eles realizam do trabalho de Matta e Silva e Rivas Neto, respectivamente fundador e herdeiro desta tradição segundo os autores.

Tanto em Matta e Silva, quanto em Rivas Neto, as práticas da umbanda são tidas como esotérica, por acreditar que a iniciação nessa escola permite penetrar em aspectos ocultos da tradição umbandista. Em nada pode ser equiparado com práticas da dita NA (New Age). Primeiro por não possuírem elementos de correspondência, segundo pelo próprio discurso do insider que não ficou restrito ao terreiro. Ambos os sacerdotes levaram ao grande público suas práticas seja pelas obras escritas, seja – hodiernamente – por farto material na internet.

Entender a Umbanda Esotérica como uma escola afro-brasileira própria, ou seja, composta por uma doutrina (epistemologia), linha de transmissão da raiz (método) e estilo de vida próprio (ética) que não está em oposição às demais práticas umbandistas, permite evitar certos equívocos na pesquisa sobre este universo religioso.

A doutrina de Umbanda Esotérica (epistemologia) é baseada em Ifá e Pemba como já citado. A partir dele, todo o corpo de conhecimento teórico é construído. Seus principais elementos estão descritos nas obras dos sacerdotes Matta e Silva e Rivas Neto em caráter introdutório, tendo em vista que o conhecimento mais aprofundado é restrito aos Iniciados na Umbanda Esotérica. (Ibidem, p. 116-117).

Neste ponto é importante enfatizar além do que já fora indicado, sobre as disputas nas tradições, uma questão fundamental: a própria dificuldade de delimitar qual o escopo preciso da NE. Recorrentemente remete-se a meados do século XIX a gênese da NE (AMARAL, 2000), ainda que seus desdobramentos se consolidem apenas no século XX, a partir de uma perspectiva centrada no self (D'ANDREA, 2000), entretanto, compreendo que este é um exercício mais de atribuição que de inferência, sendo uma delimitação que se constrói posteriormente.

Amiúde quando se fala das origens da NE no Brasil é mais comum dar ênfase às influências provindas da Europa ou Ásia, que das próprias práticas místicas e religiosas que já haviam no Brasil. Neste sentido, é recente o fenômeno compreendido aqui como New Age Popular (OLIVEIRA, 2011), que remete, de forma muito sucinta, à possibilidade de incorporação de elementos oriundos das religiosidades populares no fenômeno NE no Brasil.

Se compreendemos então o fenômeno religioso como movimento, a presença da Umbanda Esotérica no universo da NE não se trata simplesmente de uma adequação, ou não, dos princípios doutrinários desta religião a este movimento, mas sim, principalmente, da forma como os sujeitos que vivenciam o sagrado incorporam, ou não, determinada prática religiosa a seu repertório simbólico.

Esta questão complexifica-se ainda mais ante às questões lançadas pela modernidade religiosa, nos termos postos por Hervieu-Léger (2008), que indica que na modernidade há declínio das identidades religiosas herdadas, sendo possível tanto acreditar sem pertencer, como pertencer sem acreditar.

A NE é uma vivência marcadamente caleidoscópica, e a incorporação de diversas práticas em seu “arsenal” é algo constitutivo de sua dinâmica. Não se trata aqui de afirmar simplesmente que a Umbanda Esotérica é NE, mas sim de compreender que ela está na NE, assim como outras tantas práticas religiosas e não religiosas, como a acupuntura, florais, religiões (neo) pagãs, astrologia etc., considerando-se ainda que a NE ao mesmo tempo em que incorpora diversas tradições também as modifica, principalmente no processo de reinterpretação e reordenamento desses diversos elementos.

A atribuição e a autodeclaração: afinal o que os “nativos” pensam?

Volto-me nesse tópico para uma questão levantada por Carneiro e Carneiro (2017), ao indicarem a impossibilidade de se compreender como Umbanda Esotérica algumas casas que se utilizam desta denominação, segundo os autores:

É admissível no campo religioso um sacerdote ou terreiro usar o termo “umbanda esotérica” como auto identificação. Muito diferente de concluir que é uma escola umbandista como apresentado no início do texto. Olhando a primazia do nome, por exemplo, o termo aparece em congressos, artigos e revistas antes de 1950. (Ibidem, p. 121).

Compreendo a preocupação e o cuidado que os autores apresentam, e de fato eles enriquecem o debate na área ao levantarem cuidadosamente, a partir de elementos históricos, o que eles consideram como “genuinamente” sendo a Umbanda Esotérica. Entretanto, creio que aqui entramos num terreno bastante escorregadio, que diz respeito aos fundamentos metodológicos assumidos nas pesquisas com religiões. Como já anunciado, parto das ciências sociais, mais especificamente da proposta de uma antropologia hermenêutica, que se preocupa em entender quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam o que estão fazendo (GEERTZ, 2001), no movimento que se caracteriza pela tentativa de apreensão do ponto de vista do outro, do sentido que ele atribui a sua ação (GEERTZ, 1989).

Claro que esta perspectiva nos coloca em situações, no mínimo, embaraçosas, uma vez que ao assumir o ponto de vista do “nativo” como uma finalidade a ser perseguida na pesquisa, deve-se considerar também que a cultura é distributiva (BARTH, 2000), e que mesmos sujeitos que compartilham da mesma realidade cultural não vivenciam a cultura da mesma forma.

Quero dizer com tudo isso que, por mais que não se ignore aqui a relevância da estrutura ritual e litúrgica de determinada religião, especialmente quando claramente sistematizada por um grupo ou determinados agentes que se tornam centrais nesse processo, é do “ponto de vista do nativo” que eu parto. É justamente ao assumir esse ponto de partida que se torna possível a diferenciação entre a Umbanda Esotérica e o Esoterismo Umbandista, por compreender que no segundo não está presente o caráter afirmativo desta prática enquanto prática religiosa de matriz africana (OLIVEIRA, 2014).

Não quero com isso estabelecer parâmetros universais de produção do conhecimento neste tipo de pesquisa, entretanto, é importante ponderar que as investigações que partem destes princípios possuem em seus resultados marcas desse processo, no qual a perspectiva dos sujeitos de pesquisa ganha proeminência. Portanto, nesta chave de leitura, entender se determinado templo pertence ou não à Umbanda Esotérica depende bem mais de como os sujeitos de percebem em suas práticas, o que inclui a autodenominação adotada, do que da maior ou menor afinidade com determinados princípios ritualísticos determinados por uma “tradição”, que como já foi aventado, é sempre algo inventado e em contínuo processo de disputa, em termos práticos pode-se dizer que há sempre o “risco” de surgir um novo grupo de reivindica a tradição, do mesmo modo pode ocorrer que determinado grupo altere sua autodenominação.

Esta compreensão mais aberta nos possibilita captar a religião em movimento, e não como algo estático, percebendo a pluralidade de possibilidades existentes em um mesmo movimento. Ainda nesta direção é importante ressaltar que:

a) que os elementos presentes na Umbanda e nas práticas da NE não são percebidos como opostos entre aqueles que os utilizam de forma recursiva, porém isso não implica dizer que suas diferenças desapareçam; b) que há formas distintas de incorporação dos elementos da NE pela Umbanda, que pode ir desde uma sobreposição de práticas no mesmo centro, podendo se manter ou não dentro de espaços mais ou menos apartados, até alterações dentro das práticas ritualísticas.

Sob a égide da chamada Umbanda Esotérica encontramos, portanto, uma pluralidade de possibilidades em termos de arranjos. (...)

A compreensão sobre como esses arranjos se elaboram, ou mais que isso, como se fazem possíveis, remete às trajetórias das lideranças espirituais desses centros, bem como dos próprios adeptos, à forma como chegam à Umbanda e como entram em contato com as práticas da NE. (OLIVEIRA, 2016, p. 103).

Em minha percepção, partir dos sujeitos de pesquisa, da forma como eles se percebem e se automeiam é algo basilar à pesquisa em religiões desde as ciências sociais, o que não invalida outras formas de aproximação com este fenômeno. O ponto de divergência aqui com o trabalho de Carneiro e Carneiro (2017) é que não me restrinjo à maior ou menor aproximação com a “tradição” para delimitar o que é (ou não) Umbanda Esotérica, ainda que reconheça ser esta uma questão importante para se compreender a dinâmica desta religião, e como já dito, percebo que os autores trazem contribuições importantes para o debate no campo.

As diferentes conclusões que se chegam ao examinarmos o mesmo fenômeno religioso se encontram, neste caso, no nível da abordagem metodológica adotada. Justamente por compreender a tradição como uma invenção que está continuamente em disputa, e, portanto, em contínuo processo de reinvenção, ela é posta num segundo plano em minha análise, priorizando-se “o ponto de vista do nativo”, que também é dinâmico. Como já indicado, eventualmente templos que hoje se denominam de Umbanda Esotérica podem alterar sua denominação, sem que haja alterações substanciais nas práticas rituais adotadas, apenas modificando-se a compreensão sobre o que seria a Umbanda Esotérica.

Seria pertinente um último comentário à discussão aqui posta: em alguma medida a crítica realizada por Carneiro e Carneiro (2017) aos artigos de Guerriero (2009) e Oliveira (2014), principalmente ao último, caberia também ao próprio trabalho de Carneiro e Carneiro, pois, da mesma forma que o limite do Oliveira encontrar-se-ia em tomar a parte pelo todo, assumindo como Umbanda Esotérica os centros que assim de autodenominam, Carneiro e Carneiro assumem uma versão da tradição como verdadeira, como “a tradição” com seus “herdeiros”, mensurando os demais a partir da maior ou menor aproximação com esta, mas como já indicado, as tradições podem sempre ser contestadas.

Em ambos os casos, ainda que de modos diferentes, assume-se a fala nativa como um princípio. Em ambas as abordagens há limites obviamente, o que não invalida as conclusões às quais chegam. Acredito que no processo de pesquisa com religiões é necessário realizar escolhas, que em muitos casos antecedem nossa ida a campo (ainda que o campo sempre nos modifique e nos impacte), mas que devem ser assumidas como posições metodológicas que o pesquisador toma, cujos ganhos e limites se expressam nos resultados apresentados.

Considerações Finais

Neste breve ensaio busquei problematizar algumas questões referentes aos fundamentos metodológicos da pesquisa com religiões, tomando como fio condutor um debate que se estabeleceu a partir de perspectivas distintas adotadas ao se analisar o caso da Umbanda Esotérica, delimitando uma maior ou menor proximidade dela com o universo da NE. Longe de buscar invalidar uma perspectiva em prol de outra, o que chamei a atenção neste trabalho foi, justamente, para as diferentes maneiras como podemos produzir conhecimento neste universo.

O tipo de pesquisa que tenho praticado está claramente delimitada neste trabalho, pois, é sempre dos sujeitos de pesquisa que parto, de suas histórias, de suas percepções de mundo e de suas autodenominações. Compreendo ainda que as tradições são verdades, mas como qualquer verdade no mundo social, ela é passível de contestação e de disputa, e essa é a chave analítica que me utilizo para inseri-la nas minhas análises.

Certamente não compreendo a Umbanda Esotérica como um fenômeno que emerge na NE, mas entendo sim que ela é incorporada pela NE, e assim como outras religiões ela é também impactada pelo ethos NE (GUERRIERO, STERN, BESSA, 2016), o que não significa que suas marcas identitárias desaparecem nesse processo. Esta questão, ainda que não seja aprofundada neste trabalho, complexifica o cenário, de tal modo que no meu entender não é possível simplificar a questão apartando a Umbanda

Esotérica da NE, utilizando-se como métrica a maior ou menor aproximação com determinada tradição.

Para mim, ainda que essa não seja a única possibilidade existente para a produção do conhecimento, o desafio das pesquisas com religiões no geral, e com as afro-brasileiras em particular, é captá-las em seu movimento, não nos deixando seduzir pela tentação de agir como um entomólogo montando uma coleção, que capta todos os detalhes classificatórios, todas as peculiaridades, mas de forma estática, secundarizando o que nossos próprios sujeitos de pesquisa acham sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca.

Referências

- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CARNEIRO, João Luiz; CARNEIRO, Érica Jorge. Umbanda Esotérica não é Esoterismo na Umbanda. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 10, n. 28, p. 113-124, 2017.
- D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a nova era*. São Paulo: Loyola, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC 1989.
- _____. Nova luz sobre a antropologia. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar*, 2001.
- GUERRIERO, Silas. *Novas configurações das religiões tradicionais: resignificação e influência do universo Nova Era*. Tomo, s/v, nº 14, p. 35-53, 2009.
- _____; STERN, Fábio L.; BESSA, Marcelino de *Queiroz*. *A difusão do ethos Nova Era e o declínio de seus estudos acadêmicos no Brasil*. REVER, v. 16, nº 2, p. 9-39, 2016.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOBSBAW, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- LEITE, Ilka Boaventura (Org.) *Territórios do Axé: religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.
- MOTTA, Roberto. De Nina a Juana: Representações da África e do Candomblé. In: LIMA, Ivaldo Marciano de França; FERREIRA, Jackson André da Silva; DAMASCENO, José Jorge Andrade; SANTOS, Joceneide Cunha dos; SAMPAIO,

- Moiseis de Oliveira; VIEIRA FILHO, Rafael Rodrigues. (Orgs.). *África(s), índios e Negros*. Recife: Bagaço, 2016, p. 255-288.
- OLIVEIRA, Amurabi. A Nova Era com Axé: umbanda esotérica e esoterismo umbandista no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*. v. 11, nº 21, p. 167-184, 2014.
- _____. Da Nova Era à New Age Popular: as transformações no campo religioso brasileiro. *Caminhos*, v. 9, nº 1, p. 141-157, 2011.
- _____. “É tudo energia” - A Nova Era e a Umbanda em diálogo. *REVER*, v. 16, nº 2, p. 92-107, 2016.
- _____. Os corpos no vale do amanhecer: entre o kardecismo e a umbanda. *Debates do NER*, v. 2, n. 28, p. 231-251, 2015.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SANSONE, Livio. Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2002.